



O Idoso na Era da Eficiência¹

Fernanda Chocron MIRANDA²

Vanessa Brasil de CARVALHO³

Clareana Oliveira RODRIGUES⁴

Graziella Câmara MENDONÇA⁵

Filipe Lobo da SILVA⁶

Rosalay BRITO⁷

Universidade Federal do Pará, PA

RESUMO

Que lugar é reservado aos idosos na sociedade contemporânea, que tudo descarta e que é regida pelo imperativo da novidade? Ao tentar responder esta indagação central, o presente trabalho visa analisar a velhice na contemporaneidade e as suas representações midiáticas, tendo como foco o enunciado ‘melhor idade’. O *corpus* analisado para compreender a enunciação midiática sobre a questão e sua repercussão na sociedade foi a edição especial ‘Melhor Idade’ da Revista Veja, publicada em 31 de agosto de 2005. A pesquisa partiu, também, de entrevistas realizadas com uma amostra de pessoas nessa faixa etária com perfis pré-selecionados para confrontar o seu discurso com aquele veiculado pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: idosos, melhor idade, revista Veja, pós-modernidade.

Apresentação e Metodologia

Esta pesquisa procurou investigar diferentes estilos de vida após os 60 anos⁸, e perceber até que ponto as pessoas nesta faixa etária estão de fato vivendo a sua ‘melhor idade’, como o discurso midiático, de caráter comercial, aponta. Para compreender essa construção, o olhar neste estudo recaiu sobre a edição especial ‘Melhor Idade’ da revista Veja, publicada em 31 de agosto de 2005. A realidade apresentada pelo *corpus*, porém, não se aplica à totalidade da população dessa faixa etária.

Para complementar esta análise e confrontar o discurso da publicação foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semi-estruturadas com cinco idosos moradores de Belém (PA), de perfis previamente selecionados. Temas como cotidiano,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da FACOM-UFPA, email: nandachocron@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da FACOM-UFPA, email: vanessabr_carvalho@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da FACOM-UFPA, email: clareanarodrigues@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da FACOM-UFPA, email: graziella_camara@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade da FACOM-UFPA, email: filpунк@hotmail.com.br

⁷ Orientadora do trabalho. Professora Ms. do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFPA, email: rosaly@ufpa.br

⁸ Esta pesquisa se baseou na idade prevista pelo Estatuto do Idoso, que considera idoso pessoas com 60 anos ou mais.



relação com a tecnologia, convivência familiar e contato com os meios de comunicação foram contemplados durante as entrevistas.

A amostra foi composta por cinco entrevistados com o seguinte perfil:

Entrevistado (1) Mulher, 65 anos, solteira, semi-analfabeta, sete filhos;

Entrevistado (2) Mulher, 66 anos, solteira, tem um filho de 41 anos, professora aposentada de língua inglesa graduada pela Universidade Federal do Pará;

Entrevistado (3) Mulher, 90 anos, viúva, técnica de enfermagem aposentada;

Entrevistado (4) Homem, casado, 74 anos, dois filhos que moram em Fortaleza, três netos, é arquiteto e professor aposentado do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará;

Entrevistado (5) Homem, radialista de 67 anos de idade, natural de Breves (PA). É casado, tem filhos.

Entre os entrevistados, estavam pessoas de 65 a 90 anos de idade, de contextos diversos. Havia idosos que ainda trabalham, outros que vivem da aposentadoria e da ajuda dos filhos e os que apenas sobrevivem nessa idade. A partir dessa amostra, pretende-se observar a importância da mídia no cotidiano desse público.

O mundo do presente eterno e o torpor do *loop*

As transformações do mundo, principalmente a partir do século XX, alteraram a sociedade, seus conceitos e valores. De acordo com Sevcenko:

A aceleração das inovações tecnológicas se dá agora numa escala multiplicativa, uma autêntica reação em cadeia, de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível (SEVCENKO, 2001, p.16).

Pode-se dizer, então, que a estrutura social foi alterada. Hoje a tecnologia e os meios de comunicação possuem papel fundamental na vida do homem. Neste novo patamar da experiência social, por muitos conhecido como o mundo pós-moderno, as transformações tecnológicas ultrapassam a capacidade de assimilação do homem.

sentindo-nos incapazes de prever, resistir ou entender o rumo que as coisas tomam. Deixamos para pensar nos prejuízos depois, quando pudermos. Mas o problema é exatamente esse: no ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais (SEVCENKO, 2001, p.17).



Kumar (1997) faz uma análise diferente da realidade atual. Para ele, o mundo pós-moderno é o mundo do presente eterno, sem origem ou destino, passado ou futuro, sendo impossível achar um centro ou ponto de referência. Tudo é temporário ou mutável. Isso pode ser relacionado com o que Sevcenko (2001) conceitua como síndrome do *loop*, numa alusão à sensação de torpor provocada pelo loop da montanha russa: o efeito perverso pelo qual a precipitação das transformações tecnológicas tende a submeter a sociedade a uma anuência passiva, cega e irrefletida.

É por isso que, ainda segundo Kumar (1997), a maioria das teorias sobre a sociedade contemporânea atribui um importante papel aos meios de comunicação de massa, principalmente às telecomunicações e aos computadores. Dessa vez, é Fredric Jameson (1993, p. 43) quem completa: “A função informacional da mídia consistiria, portanto, em nos ajudar a esquecer, a funcionar como os próprios agentes e mecanismos de nossa amnésia histórica”.

E esse é conceito de presente perpétuo defendido por Jameson (1993, p. 43). É o desaparecimento do sentimento de história, o modo como todo o nosso sistema social contemporâneo começou a perder a capacidade de reter o próprio passado e começou a viver nesse presente que ofusca as tradições e as formações sociais anteriores (JAMESON, 1993, p. 43). E Kumar (1997) conclui: “O que persiste, a única coisa que nos dá material para contemplação, é o presente eterno”.

Parte dos teóricos afirma que as sociedades atuais mostram um novo ou reforçado grau de fragmentação, pluralismo e individualismo, o que se relaciona com as mudanças nas relações de trabalho e com a tecnologia, e poderia ser associado ainda ao declínio da referência identitária vinculada ao estado-nação e das culturas nacionais dominantes. A vida política, econômica e cultural é agora muito influenciada por fatos que ocorrem no nível global (KUMAR, 1997, p. 132).

Essa influência é observada nas tecnologias que interligam o mundo globalizado de hoje. Os avanços tecnológicos mudaram a noção de tempo e espaço. As distâncias diminuíram, assim como o próprio mundo. Tudo está conectado à rede de comunicação, que envolve o planeta, e que o torna uma aldeia global (SEVCENKO, 2001, p. 20-21).

Para os que seguem essas transformações, em ritmo cada vez mais intenso, não há tempo para refletir. O mundo vive o ‘agora’. E para os que ficam para trás nesse



contexto, resta a ‘esquizofrenia’⁹, proposta por Jameson (1993) e a exclusão ou marginalização decorrem desse isolamento.

Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social (CASTELLS, 1999, p. 41).

Quando a Rede ‘desliga’ alguém, esse passa a ser indiferente ao sistema. É como se não existisse. E um dos fatores que interferem na ‘seleção dos nós da Rede’ é o trabalho, que continua sendo a fonte de produtividade, inovação e competitividade. “Além disso, o trabalho é mais importante do que nunca numa economia que depende da capacidade de descobrir, processar e aplicar informação” (CASTELLS, 2001, p. 77). Por isso, o trabalho é um dos mais valorizados campos da esfera social, e abster-se de seu exercício afeta profundamente a subjetividade dos indivíduos, já que, muitas vezes, o ‘não-trabalhar’ é igual a ‘não existir’.

Por isso, quem não consegue se adaptar às exigências do mercado corre um risco de ser excluído. Hoje, é necessário seguir o fluxo de informação e das mudanças na sociedade contemporânea. Além disso, a capacidade de transformar a informação aprendida em conhecimento também é de grande relevância no atual fluxo de mercado.

A economia eletrônica não pode mais funcionar sem profissionais capazes de navegar, tanto tecnicamente, quanto em termos de conteúdo, nesse profundo mar de informação, organizando-o, focalizando-o e transformando-o em conhecimento específico, apropriado para a tarefa e o objetivo do processo de trabalho. (...) Na economia eletrônica, os profissionais devem ser capazes de se reprogramar em habilidades, conhecimento e pensamento segundo tarefas mutáveis num ambiente empresarial em evolução (CASTELLS, 2001, p. 77).

Essas exigências, porém, excluem os que não se adaptam ao ‘novo’ ritmo. A carreira longa e previsível está desaparecendo e, junto com ela, seus trabalhadores (CASTELLS, 2001, p. 81). Muitos desses são pessoas que já estão no mercado de trabalho, e que ainda não conseguiram se adaptar a essa nova realidade: os idosos de hoje.

Grande parte dessa população é excluída da sociedade sedenta de eficiência e rapidez. Entre os motivos da exclusão está o descompasso entre a velocidade e fluidez do mundo de hoje e o ritmo dos idosos.

⁹ Quando o indivíduo não consegue se encontrar dentro da sociedade e está perdido em um turbilhão de acontecimentos. (JAMESON, 1993, p. 43).



Bobbio (apud MESSINA, 2003), observa o novo formato de relacionamento interpessoal mediado pela tecnologia. O autor contrapõe a agilidade mental que a velocidade exige do “velho” à lentidão dos movimentos do corpo e da mente, que, na velhice, requerem tempos mais prolongados. Ainda segundo o autor:

o velho lida com essa angústia buscando refúgio na memória viva de um tempo estável e equilibrado, de modo a permanecer fiel a valores aprendidos e interiorizados durante a vida. E mantém seus hábitos como forma de resistência às mudanças, (...), não porque não o entenda, mas por falta de vontade, de motivação e velocidade psíquica para compreendê-lo (BOBBIO apud MESSINA, 2003, p. 4).

Tudo isso é resultado das alterações biológicas, inerentes ao ser humano. É na velhice que a saúde torna-se mais sensível, mas esse processo é comum a todos, em maior ou menor escala. Segundo Simone de Beauvoir (1990), na velhice:

a aparência do indivíduo se transforma e permite que se possa atribuir-lhe uma idade, sem muita margem de erro. Os cabelos embranquecem e se tornam rarefeitos, não se sabe por que (...) Por desidratação e em consequência da perda de elasticidade do tecido dérmico, a pele se enrugua. Os dentes caem (...) O esqueleto sofre de osteoporose; a substância compacta do osso torna-se esponjosa e frágil... (BEAUVOIR, 1990, p. 34).

Todas essas mudanças biológicas traduzem-se em fragilidade, que faz com que os idosos não sejam considerados habilidosos em atividades comuns de hoje. Um exemplo disso é o trabalho, como Silva (apud ARAÚJO, 2000) ressalta:

A idade tem sido motivo de discriminação, mormente no que tange às relações de emprego. Por um lado, recusa-se emprego a pessoas mais idosas, ou quando não, dão-se-lhes salários inferiores aos dois demais trabalhadores. Por outro lado, paga-se menos a jovens, embora para a execução de trabalho idêntico ao de homens feitos (SILVA apud ARAÚJO, 2000, p. 6).

Hoje, no entanto, a medicina conhece as causas do envelhecimento e os modos de amenizar essas transformações, mas nem sempre foi assim. No Egito Antigo, por exemplo, a medicina se confundia com a magia. Na Grécia, o médico Hipócrates comparou as etapas da vida às estações do ano, sendo a velhice, o inverno.

Na Idade Média, porém, esse quadro mudou. O homem passou a ser respeitado por sua capacidade física, sua habilidade para lutar e defender o país, substituindo a tradicional sabedoria humana, geralmente representada pelos mais velhos. Foi também a partir desse período que se desenvolveu a anatomia, ramo do conhecimento que estuda a estrutura e organização dos seres vivos, tanto externa quanto internamente.



A partir daí, a medicina avançou de forma acelerada. Os tratamentos foram se aperfeiçoando, assim como a ciência da geriatria. Atualmente, a medicina moderna considera a velhice um prolongamento da vida, o que é inerente ao processo de existência, e busca formas de atenuar os principais problemas recorrentes nesta idade.

Apesar da questão fisiológica ser um fator de grande importância para designar a velhice, tanto no passado como hoje, essa questão não pode ser reduzida à biologia. Conforme assinala Beauvoir (1990), "a velhice não é só um fato biológico, é também cultural". Dessa forma, para compreender o que é ser velho nos dias de hoje, é preciso considerar o contexto em que o indivíduo está imerso.

O idoso e a sociedade

Até meados do século XIX, a expectativa de vida era entre 30 e 40 anos. Já a partir do século XX, com a queda na taxa de natalidade e a entrada da mulher no mercado de trabalho, o Brasil começou a se tornar um país 'velho'.

O envelhecimento populacional é um desafio gerado pelas demandas sociais e econômicas, principalmente da previdência e da assistência à saúde. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, do ano de 2007, comprovam que a expectativa de vida dos brasileiros é superior aos 70 anos. Em 1980 para cada idoso havia 9,2 pessoas com idade entre 15 a 59 anos e a razão contribuinte por beneficiário era de 4,8 na Previdência Social. No ano 2000, a razão decresceu, passando desse número para 2,8 (Guia Serasa de Orientação ao Cidadão, 2003).

De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), de 1996, a aposentadoria é responsável por cerca de 60% da renda dos idosos que recebem até cinco salários mínimos no Brasil e aqueles que ganham até dois salários mínimos gastam 24,38% de sua renda na compra de remédios (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE).

Além desses, os outros itens que pesam no orçamento dos idosos são o transporte, a comunicação, e a alimentação fora de casa, responsável pelo gasto de 14,54% dos rendimentos dos homens e 7,36% do das mulheres.

De acordo com Lyod-Sherlock (2002), a velhice possui um forte componente feminino. No Brasil, em 2000, elas eram responsáveis por 55% da população idosa. Isso porque elas têm maior probabilidade de ficarem viúvas e em situação econômica desvantajosa, já que a maioria delas não trabalhou ao longo da vida. Por nunca ter



trabalhado, o entrevistado 1¹⁰ é um exemplo. Por outro lado, são elas que praticam atividades extra-domésticas, fazem cursos especiais, viagens, e até mesmo trabalho remunerado temporário com frequência. O entrevistado 2¹¹ se enquadra nesse perfil, por frequentemente viajar com um grupo de amigas, realizar trabalho voluntário e praticar atividades físicas diariamente.

Exemplos como o do entrevistado 2 demonstram a preocupação da sociedade com uma maior qualidade de vida. Em todas as fases, é recomendável adquirir hábitos saudáveis, como alimentação balanceada e a prática de atividades. Dessa forma, o indivíduo alcança um melhor condicionamento físico, eleva a sua auto-estima, e adquire uma vida saudável, digna e longa (Anais da VI Jornada de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento Humano na Amazônia, 2007).

Com os idosos não é diferente. O artigo 3º das Disposições Preliminares do Título I, do Estatuto do Idoso, diz ainda:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Quando isso não acontece é comum o aparecimento de doenças como a depressão. Segundo Luiz Roberto Ramos, diretor-científico da Sociedade Brasileira de Geriatria, estudos indicam que todas as pessoas estão propensas a ter pelo menos uma doença crônica na velhice. Nesse caso, a participação da família é fundamental no tratamento. (Guia Serasa de Orientação ao Cidadão, 2003).

Portanto, relacionamentos instáveis, sobretudo com os familiares, potencializam problemas de saúde durante essa fase. Por se desentender com o único filho, principalmente, devido a questões financeiras, esse é o caso do entrevistado 3¹².

Além disso, é necessário que o idoso tenha consciência de suas limitações físicas. Segundo o Guia de Orientação ao Cidadão, os idosos são a parcela da população que

¹⁰ Gregória da Silva, 65 anos, solteira, semi-analfabeta, sete filhos. É moradora do bairro do Marco, em Belém (PA), e tem como principal renda a ajuda dos filhos que ainda moram com ela, e de esmolas que arrecada em frente a uma igreja, no centro da cidade. Segundo a entrevistada, há ocasiões em que depende da ajuda de outras pessoas para se alimentar. Apesar dos problemas de ordem financeira, Gregória afirma viver a “melhor idade”.

¹¹ Maria Luiza dos Santos, 66 anos, solteira, tem um filho de 41 anos, professora aposentada de língua inglesa graduada pela Universidade Federal do Pará. Mora sozinha em um apartamento próprio, localizado no centro de Belém. Ana Luiza tem como renda o valor da aposentadoria, que permite que viaje com certa frequência com um grupo de amigas e esteja envolvida em diversas atividades, inclusive, trabalho voluntário. A entrevistada afirma estar na melhor idade apenas pelas “boas condições de vida” que possui, já que afirma se sentir muito sozinha.

¹² Nazareth Carvalho, 90 anos, viúva, técnica de enfermagem aposentada. Mora sozinha, tem um filho com quem matem um relacionamento conturbado, e vive exclusivamente da aposentadoria e da venda de cosméticos. De acordo com a entrevistada, a melhor idade da vida foi a juventude, época em que vivia em Santarém (interior do Pará) com uma condição financeira estável, diferentemente, da vivenciada hoje.



mais sofre acidentes de trânsito. A presença de calçadas esburacadas, com os degraus e bloqueios físicos, e as más condições do transporte coletivo em Belém (PA), são exemplos de como os idosos estão sujeitos a perigos (Anais da VI Jornada de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento Humano na Amazônia, 2007). Apesar de ter carro particular, o entrevistado 4¹³ relatou ter tido dificuldades de locomoção, sobretudo, no ato de subir no ônibus. Segundo ele, a partir dessas dificuldades começou a se reconhecer como ‘idoso’.

O sedentarismo também é a causa de diversas doenças, e o fato de deixar o idoso alheio a algumas tarefas diárias pode ocasionar doenças e a sensação de inutilidade. Isso ocorre, principalmente, devido ao impacto da aposentadoria, da perda da rotina de trabalho, o que é reforçado pela valorização do ‘estar ocupado’ na sociedade atual.

A sensação de deslocamento e solidão leva os idosos a se organizarem em grupos, para a prática de atividades como: cursos, viagens, exercícios físicos, etc. No entanto, existem idosos como o entrevistado 5¹⁴, que continuam trabalhando.

Muitas dessas atividades, porém não são acessíveis a todos. O entrevistado 1, por exemplo, não tem acesso, porém afirma que, se possível, faria parte de um grupo de artesanato e dança. No caso do entrevistado 2 essa é uma realidade.

No caso dos idosos que enfrentam dificuldades financeiras, como o entrevistado 1, a televisão é tida como uma das principais forma de lazer. Néri e Debert (2004) mostram que o consumo desse meio de comunicação aumenta nessa idade. A TV representa uma companhia, uma forma de distrair os idosos.

Apesar da presença da tecnologia, que alterou o modelo de relacionamento dos idosos, muitos enfrentam dificuldades por não dominarem as novas técnicas. O celular e a internet, por exemplo, que atuam como mediadores das relações inter-pessoais na atualidade, são considerados por muitos idosos como verdadeiros vilões.

Para o entrevistado 2, os aparelhos eletrônicos são encarados com certa repulsa. Ele afirmou que usa celular apenas por necessidade de comunicação, sobretudo, com as

¹³ Hélio Veríssimo, casado, 74 anos, dois filhos que moram em Fortaleza, três netos, é arquiteto e professor aposentado do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Morador do centro da cidade, o entrevistado possui casa própria e vive exclusivamente do valor da aposentadoria e do salário da esposa, que ainda trabalha. Em entrevista, Hélio disse estar na melhor idade, já que seus filhos estão criados, o que permite que ele e a esposa desfrutem das conquistas de toda a vida, como uma situação financeira estável. Porém, para o entrevistado, o importante é chegar aos 60 anos sentindo-se útil, como se sente, apesar da saudade da rotina na sala de aula.

¹⁴ Carlos Estácio, radialista de 67 anos de idade, natural de Breves (PA). É casado, tem filhos, e possui alto poder aquisitivo. Já foi prefeito de sua cidade natal, por dois mandatos, e eleito Deputado Estadual. Apesar da idade, o entrevistado ainda trabalha. Ele afirma não estar vivendo a melhor idade. Para ele, a vida é feita de vários “melhores momentos”.



amigas do trabalho voluntário e de caminhada. O entrevistado 4 também utiliza o celular apenas por necessidade de falar com os filhos que moram em outro estado.

Enquanto o entrevistado 4 tem acesso quase que diário à tecnologia, o entrevistado 1 afirmou ter contato apenas com a televisão. Quando questionada sobre o uso de celular ou de computador, a entrevistada afirmou não “saber ‘bater’ nessas coisas”. Novamente, a diferença de perfil e o acesso à tecnologia são determinados pela condição financeira.

O entrevistado 3 também comentou a relação com a tecnologia, e afirmou estar acompanhando o avanço tecnológico, além de “fazer retrato” no celular. Já o entrevistado 5 valoriza o celular, e o considera um grande avanço tecnológico, principalmente por agilizar e dinamizar o meio radiofônico, no qual trabalha.

A tecnologia é, então, parte integrante da vida de todos, seja na forma de um “simples” celular ou da televisão, tão presente no dia-a-dia da maioria dos brasileiros.

Melhor idade: o discurso midiático

O formato das relações e atividades dos idosos mudou nos últimos anos, pautado pela nova situação social, que é acompanhada pela mídia. Essa, por sua vez, possui suas próprias representações desse público, que acabam reverberando no discurso da sociedade, inclusive entre os próprios idosos, já que esses são grandes consumidores de produções midiáticas.

Por isso, o ‘olhar’ nesta análise recai sobre a edição especial da Revista Veja intitulada ‘Melhor Idade’, publicada em 31 de agosto de 2005. A partir desse *corpus*, levaremos em consideração o tratamento dado pela revista a questões como: o comportamento dos idosos frente às mudanças sociais, o poder aquisitivo como fator determinante do envelhecimento tranquilo, e a importância de suas relações interpessoais.

Antes de iniciar um estudo mais detalhado da publicação, é importante destacar o surgimento de novos termos para classificar pessoas com 60 anos ou mais. Palácios (2004), discorre de forma elucidativa sobre o paralelismo semântico entre o vocábulo ‘velhice’ e a expressão ‘terceira idade’. De acordo com a estudiosa, ‘velhice’ tornou-se uma referência pejorativa. Ela afirma que o termo assume um caráter mais tradicional e:

(...) fortalece a compreensão de que o processo de envelhecimento representa uma época sombria, decrepita, repleta de temores da morte, de acometimento de doenças, que culmina com o isolamento do indivíduo dos processos de socialização, em sua fase final de vida (PALÁCIOS, 2004, p.2)

A autora indica a emergência de uma nova visão dessa faixa etária, sugerida pelo termo ‘terceira idade’. Para Palácios (2004), o termo remete a uma compreensão de seqüência, devido à utilização do numeral ordinal ‘terceira’, que enfatiza a existência de duas supostas fases anteriores: a ‘primeira’ e a ‘segunda’ idades. Essa idéia de continuidade justifica a ampla utilização do termo ‘terceira idade’ na esfera midiática, em detrimento de vocábulos como velhice, envelhecimento e senilidade.

Blaikie (apud PALÁCIOS, 2004) associa a generalização do uso do termo “terceira idade” para referir-se à velhice com a mudança de atitudes e valores relacionados com a pós-modernidade. Segundo Palácios (2004), o autor enfoca o envelhecimento a partir de dimensões discursivas e da construção social de imagens e identidades:

(...) enquanto a modernidade e o industrialismo tiveram por base a ideologia do progresso, com a exortação do novo e, portanto, da juventude e a resultante desvalorização da experiência, vista como conhecimento obsoleto, a pós-modernidade tende a borrar as linhas da velhice e da aposentadoria (reforma) e promete, através das práticas e estímulos ao consumo que crescentemente se voltam para as necessidades dos compradores mais velhos, tanto novas possibilidades para o auto-desenvolvimento pessoal (cursos e atividades culturais voltadas para a terceira idade, universidades da terceira idade etc.), quanto um aumento da influência cultural e política desse grupo (PALÁCIOS, 2004, p.5).

Nota-se ainda que essa sucessão de termos é resultado da mudança de atitude relacionada aos idosos. Isso ocorreu a partir das décadas de 1990, com a homologação, no Brasil, da Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e, posteriormente, a criação do Estatuto do Idoso, no dia 1º de outubro de 2003.

A mudança de atitude acima referida é resultado, segundo o artigo da defensora pública Mendonça (2008), de uma nova tendência mundial em termos de população, que prevê a grande presença de idosos, embalada pelos desenvolvimentos tecnológicos, avanços da medicina e melhoria da qualidade de vida.

Além da expressão ‘terceira idade’, outro termo muito utilizado para designar a velhice de forma mais leve e positiva: a ‘melhor idade’. A criação do termo é baseada na idéia de que o público idoso está livre de obrigações e preocupações relacionadas a assuntos como trabalho e filhos.

O termo ‘melhor idade’, funciona, então, como alicerce de uma lógica de consumo, que, atualmente, norteia o discurso dos meios de comunicação. Ou seja, a mídia sugere que a velhice é uma idade tranqüila e agradável, com o objetivo de vender a esse



público serviços e produtos. Justifica-se, então, a larga utilização do termo em reportagens e publicidades.

No entanto, a construção discursiva ‘melhor idade’ omite a marginalização do idoso na sociedade contemporânea. A tecnologia de ponta, os novos processos sociais, as diferentes formas de mediação das relações interpessoais deixam os idosos à margem da conjuntura atual, em que a tecnologia comanda o mundo do real-virtual. No Brasil, diferentemente de países desenvolvidos, os modelos de comunicação voltados aos idosos ainda são bastante incipientes, limitando-se aos segmentos de turismo, convênios médicos, indústria farmacêutica e serviços financeiros.

Esse discurso mercadológico fica evidente logo no título da edição da revista Veja escolhida para a análise: 'A Melhor Idade'. A base para a construção discursiva da revista foi retratar a velhice como a melhor fase da vida, tanto na criação jornalística quanto publicitária. O editorial, ou 'carta ao leitor', deixa clara a linha do material a ser trabalhado ao longo da publicação: a idéia de que os idosos da contemporaneidade estão redefinindo o conceito do que é envelhecer.

As reportagens possuem, basicamente, o mesmo direcionamento, que consiste em um discurso 'convitativo', firmado em um retrato entusiasmado da realidade dos personagens. O objetivo deste discurso é que os leitores se identifiquem com as histórias apresentadas pelo veículo e passem a consumir aquele modelo de vida, mesmo que simbolicamente. Além da composição de páginas com fotos grandes e alegres, sempre mostrando pessoas felizes, satisfeitas e quase nunca sozinhas, a revista também utilizou inúmeros depoimentos, inclusive, de pessoas famosas, apresentadas pela publicação como brilhantes e no auge de suas vidas.

Entre os 26 depoimentos de pessoas famosas, merece destaque o depoimento do antropólogo Roberto DaMatta, de 69 anos. Ele defende a idéia de que, mesmo detendo um amplo conhecimento, não se pode deixar de ter curiosidade pela vida. Em relação ao futuro, o estudioso afirma desejar permanecer na mesma casa, no mesmo escritório e continuar, conforme sua expressão, 'canibalizando' a juventude de seus alunos.

A matéria sobre 'paquera'¹⁵ apresenta outro ponto interessante da construção da revista: a preocupação em situar o idoso, oferecendo “dicas” de como se comportar, assim como ocorre nas publicações direcionadas para adolescentes. Isso explicita a inexperiência da nova geração de idosos em relação ao novo formato de

¹⁵ Páginas 20 e 21.



relacionamento, já que, quando eram jovens, as relações possuíam um caráter mais recatado e formal, e hoje, a tecnologia media grande parte dessas relações.

Outra característica marcante da edição especial da *Veja* é seu discurso ‘generalizante’. Na revista, é passada a idéia de que todos os idosos levam uma vida semelhante a das pessoas entrevistadas. Mas a realidade não é essa, já que o ideal da ‘melhor idade’ projetado na revista é um tanto elitista. Contudo, a questão financeira aparece como um fator secundário, não levando em consideração que, para custear o modelo de vida que a revista publiciza, precisa-se de um alto poder aquisitivo.

Um exemplo disto é a reportagem “Amigos no fogão”¹⁶. No texto, é apresentada a história de um grupo de amigos que se reúne para degustação de vinho e para apreciar uma boa culinária. No entanto, é perceptível que uma atividade como essa exige um alto poder aquisitivo – a conta de um dos grupos citados na reportagem chega a quatro mil reais. Contudo, a matéria não menciona a questão financeira como uma das preocupações frequentes entre os idosos, principalmente em um país como o Brasil.

Nesse caso, observa-se uma lacuna entre o discurso da revista e o público a quem diz se referir: as pessoas com ou mais de 60 anos. Percebe-se que, para o veículo, vivenciar a melhor idade é usufruir de serviços e produtos caros, e um estilo de vida sem preocupações. É notório, porém, que grande parte dos idosos brasileiros não dispõe de condição financeira favorável, como assinala o próprio IBGE.

A omissão da questão financeira do idoso também é claramente percebida na matéria sobre beleza¹⁷. Apesar de trabalhar com dicas de saúde, a área da revista dedicada a esse assunto apresenta uma única solução: a cirurgia plástica. Como nós observamos anteriormente, o discurso da revista oferece uma melhor idade sem mencionar quanto isso custaria. Nesse ponto, fica claro como o discurso de melhor idade é pautado no consumo de determinados serviços, produtos, e estilos de vida.

Já em relação aos anúncios que compõem a revista, é importante destacar a adaptação de algumas propagandas para o veículo, como a da marca de laticínios Perdigão e do iogurte Activia. Nesses exemplos, o público-alvo específico da peça não é definido. Apenas a partir do suporte midiático no qual são veiculadas (*Veja Especial Melhor Idade*), é possível subentender de que as propagandas são destinadas a idosos.

Os anúncios presentes na revista se utilizam do contexto da edição para veicular suas marcas, produtos e serviços. A propaganda do Banco Cruzeiro do Sul, por

¹⁶ Páginas 32 e 33.

¹⁷ Páginas 34 e 35.

exemplo, trabalha com o conceito de ‘Melhor Idade’ sustentado na edição, o que pode ser detectado no texto da peça: o bom da vida está só começando.

No entanto, a publicidade mais freqüente na revista é a do complexo vitamínico ‘Centrum Silver’, que está presente em cinco das 42 páginas da publicação. Os anúncios foram criados com base no assunto da reportagem que o antecede. Um exemplo disso está na página 30, na qual são apresentadas dicas sobre planos de previdência privada. O texto do anúncio posterior à matéria se refere ao Centrum Silver como uma opção para a saúde, sem abalar a ‘saúde’ financeira.

Construções como a da Revista Veja, que anunciam a terceira idade como uma fase maravilhosa, omitindo outras questões fundamentais, são extremamente comuns. Esse discurso, largamente utilizado pela mídia, acaba reverberando no discurso da sociedade. O entrevistado 1, independentemente de sua condição financeira, absorveu de tal forma o discurso da mídia que acredita vivê-la, apenas pelo fato de ter mais de 60 anos. Este, porém, não possui condições financeiras para usufruir das opções sugeridas pelo *corpus* dessa análise. No entanto, se pudesse, afirma que não hesitaria em adquiri-los.

No caso do entrevistado 2, que possui situação financeira favorável, é possível consumir o estilo melhor idade oferecido pela revista. Apesar de afirmar que está vivendo a ‘melhor idade’, por estar livre de obrigações e “fazer o que quer, quando quer”, o entrevistado entra em contradição quando o mesmo afirma que se envolve no máximo de atividades, não por gostar, mas por não desejar ficar sozinha em casa.

Exemplos como esse, evidenciam o caráter mercadológico do termo ‘melhor idade’, que mesmo com tantas opções de serviços e produtos para “aproveitar” a vida, não consegue suprir e nem mesmo “driblar” os conflitos que os idosos vivenciam nesse período devido, sobretudo, às mudanças físicas e à perda de rotina, em uma sociedade que valoriza apenas o que é eficiente.

Por meio da realização dessa pesquisa, observou-se que por não mencionar a relação de dependência da situação do idoso com sua condição financeira, um veículo de comunicação pode vender uma imagem ilusória da realidade. A “melhor idade” que a mídia divulga é apresentada como forma de superação das atribulações desse período. Porém, não se pode esquecer do caráter de utilidade pública que a mídia realiza, dando ênfase a atividades que proporcionam qualidade de vida a pelo menos parte desse grupo.



Considerações Finais

A percepção de velhice como uma fase decadente e infeliz não é mais hegemônica na contemporaneidade. O advento da modernidade, que colocou a ciência como reveladora da verdade, alterou o próprio entendimento do funcionamento do corpo, alargando a expectativa de vida das pessoas, e a possibilidade de aproveitar a vida por mais tempo. Esse desenvolvimento da ciência alterou a percepção da idade da ‘velhice’, já que agora, existe a possibilidade de se viver mais e melhor.

A tecnologia também alterou profundamente a vida dos idosos, que, muitas vezes, se veem obrigados a acompanhar o ritmo acelerado da sociedade contemporânea, o que não lhes é natural. Entretanto, muitos idosos não conseguem seguir esse ritmo e, por isso, se sentem excluídos e deslocados socialmente.

Nesse contexto, ressalta-se a importância da família, que deve amparar o idoso, incentivando-o para que ele se mantenha em atividade. Além disso, o próprio indivíduo precisa ter a consciência de que é necessário se adaptar à nova realidade. Essa adaptação deve se realizar tanto no sentido social quanto físico. Para tal, o idoso deve buscar o auto-reconhecimento, sabendo que a velhice é somente uma nova etapa de sua vida, e a consequência direta das fases anteriores, idéia explicitada pelo termo ‘terceira idade’.

No entanto, os meios de comunicação utilizam-se com mais frequência do termo ‘melhor idade’. Apesar de evidenciar seu caráter social, ao publicizar esse período como a ‘melhor idade’ da vida de uma pessoa, o principal objetivo da mídia, percebido através do *corpus*, é o apelo mercadológico e a lógica do consumo. Todavia, nem toda a população idosa tem condições financeiras de viver essa ‘melhor idade’ criada pela mídia. Além disso, não se pode considerar que a representação midiática de “velhice ideal” é a única possível, pois essa pode variar conforme as diferenças culturais existentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANAIS DA VI JORNADA DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO NA AMAZÔNIA. Belém – 27 de novembro a 01 de dezembro de 2007.

ANTUNES, R. O toyotismo e as novas formas de acumulação de capital. In: **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo. Boitempo, 2003.

ARAÚJO, Alyane Almeida de. **O direito ao trabalho e à profissionalização do idoso**. Curso de Direito, UFRN. 2005. Disponível em: http://www.trt21.gov.br/ascom/revista/2005/doutrina_direitoaotrabalho_iframe.htm; Acesso em 29 de junho de 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990



CASTELLS, Manuel. Prólogo: a rede e o ser. In: **A sociedade em rede**. São Paulo. Paz e Terra, 1999 (vol. 1), p. 21-47

CASTELLS, Manuel. Negócios eletrônicos e a nova economia. In: **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001, p. 56-93

ESTATUTO DO IDOSO. Brasília. Editor Senado Federal, 2005.

JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, Ann. **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1993, p. 25-44

KUMAR, Krishan. Modernidade e Pós-Modernidade II: a idéia da pós-modernidade. In: **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997, p. 112-158

MENDONÇA, Juliana Moreira. **Breves considerações a respeito do Estatuto do Idoso**, 2008. Disponível em: <<http://www.lfg.com.br>>; Acesso em 20 out 2008.

MESSINA, Mônica. **Dimensões do envelhecer na contemporaneidade**. In: Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5b_Messina_26250803_port.pdf> Acesso em 20 out 2008.

MERCADANTE, Elisabeth. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo. Atheneu, 2002.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisas de Informações Básicas Municipais. Perfil dos Municípios Brasileiros – CULTURA**, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em 17 nov 2008.

NERI, Anita Liberalesso. DEBERT, Guita Grin. (Orgs.) **Velhice e Sociedade**. 2 ed. São Paulo. Papirus Editora, 2004.

PALÁCIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. **Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica**: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea. Comunicação apresentada no XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (APL). Lisboa, outubro de 2004. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/listas/tematica.php?codtema=10>> Acesso em 20 out 2008.

REVISTA VEJA. **Melhor Idade**: edição especial. São Paulo: Editora Abril, 2005.

SERASA. **Guia Serasa de Orientação ao Cidadão**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.serasa.com.br/guiaidoso/index.htm>> Acesso em 15 nov 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p.11-22